

AGÊNCIA BANCÁRIA DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS 1982-1992, Arraiolos – Portugal

Cliente Caixa Geral de Depósitos

Especialidades Ferreira Creso, Saldanha Palhoto (fundações e estrutura), Ruben Sobral (instalações eléctricas), José Roque (instalações mecânicas), João Barrento (águas e esgotos)

Fiscalização Franco da Costa

Construtor HCI

A morfologia da pequena vila de Arraiolos no Norte Alentejo tem a sua origem na localização do seu castelo numa colina proeminente, resultando no desenvolvimento das ruas principais paralelas às curvas de nível, cruzando-se, perpendicularmente, com aquelas que têm origem no castelo. A agência bancária está localizada no centro histórico, ocupando um lote profundo e estreito (de sete metros de largura por trinta e sete metros de comprimento) entre a Praça Lima e Brito, a praça principal da vila, e a Rua da Misericórdia. O desenho proposto pretendeu resolver dois problemas que se impuseram de imediato: garantir a continuidade da frente urbana voltada para a praça e criar diferentes soluções para iluminar o interior do edifício resultante da ocupação do lote.

A praça continha uma grande variação de fachadas, “vibrações cromáticas da luz sob a cal” (nas palavras de Ana Vaz Milheiro), criando um jogo de curvas muito subtis, feito de pequenos avanços e recuos, possível pela solução de uma parede dupla desconstruída. Um primeiro plano opaco, separado do corpo do edifício, interliga-se com o plano da fachada urbana, assumindo a transição entre uma linguagem arquitectónica arcaica e tradicional e outra contemporânea. Foi preponderante compreender como é que se podia transformar o lugar partindo do preexistente e, simultaneamente, assegurar a contemporaneidade da transformação proposta. Um segundo plano transparente permite a luz entrar e iluminar o foyer de entrada e o interior do edifício a toda a profundidade. Este dispositivo arquitectónico dota o edifício de uma luminosidade vital sob o efeito da luz solar reflectida, destacando-se na praça sem quebrar a continuidade da fachada urbana. A complexidade da vida que ocupa a praça é sugerida pela actividade interior que se adivinha pelo carácter diferenciado da qualidade da luz.

A dinâmica interior desenvolve-se tomando partido da profundidade do espaço. A entrada de pé-direito mais baixo precede o longo espaço de duplo pé-direito, marcado pelo volume curvo (onde se encontram os arquivos, os cofres, as áreas de trabalho) em suspenso por cima do balcão, rasgado ao longo praticamente de todo o comprimento. Um cubo puro e autónomo (assumido como elemento escultórico), que contém a sala de trabalho do gerente, funciona como ponto de convergência do jogo formal e das linhas de força da composição. O jogo entre estes três elementos é reforçado pela tensão criada pelas divergências entre os grandes planos longitudinais das paredes, balcões, iluminação e pela presença estática oposta entre o vazio e o cubo. A luz esculpe o interior definindo as diferentes apropriações: na área pública, uma lanterna acompanha o eixo longitudinal, enquanto na zona central uma clarabóia enfatiza a situação pontual do cubo, iluminando a área da sala de espera.

